

O Ensino da Arte num Território Intercultural: experiências originárias do PARFOR

The Education of Art in Intercultural Territory: experiences originating in PARFOR

JANAINA SCHVAMBACH* & CAROLINE LEAL BONILHA**

Artigo submetido em 1 de junho e aprovado a 9 de junho de 2014..

*Janaina Schvambach, Brasil. Professora e artista visual. Licenciada em Artes — Habilitação em Desenho e Computação Gráfica/ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPel.

AFILIAÇÃO: Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECO), Área de Ciências Sociais Aplicadas. Avenida Senador Atilio Fontana, 591 E Bairro EFAPI, Chapecó — Santa Catarina, CEP 89809-000, Brasil. E-mail: artejanaina@unochapeco.edu.br

*Caroline Leal Bonilha, Brasil. Professora licenciada em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas (UFPel); e em Ciências Sociais UFPel; Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPel.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Licenciatura em Artes Visuais. Rua Alberto Rosa, 62, Bairro Porto, Pelotas, Rio Grande do Sul, CEP 96010-770, Brasil.. E-mail: bonilhacaroline@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência propõe uma reflexão sobre a prática docente em um curso de Licenciatura Intercultural Indígena em uma universidade brasileira, Unochapeco. A arte atuou como mediadora entre culturas populares, indígenas e conceitos da arte contemporânea, dissolvendo paradigmas tradicionais, como também, novas abordagens em relação ao ensino da arte em territórios não convencionais.

Palavras chave: Ensino da arte / Aldeia indígena / interculturalidade.

Abstract: *This experience report proposes a reflection on teaching practice in a Graduation in Intercultural Indigenous a Brazilian university, Unochapecó. The art acted as a mediator between popular cultures, and indigenous concepts of contemporary art, dissolving traditional paradigms, but also new approaches to teaching art in unconventional territories.*

Keywords: *education art / hamlet indigenous, / interculturalism.*

Introdução

O presente relato de experiência refere-se à prática do ensino da arte no curso de Licenciatura Intercultural Indígena: Línguas, Artes e Literatura da Universidade Comunitária da Região de Chapecó/SC/Brasil, voltado para os indígenas da etnia Kaingang. Dentre os componentes curriculares ministrados merecem destaque: Educação Artística IV — Conceitos e manifestações folclóricas brasileiras e regionais; Educação Artística V — Laboratórios de forma de expressão e Educação Artística VI — Objeto e método no ensino da Arte, arte contemporânea. Durante os 03 semestres, entre 2013 e 2014, a troca de experiências se efetivou numa perspectiva intercultural onde a arte, através de seus conteúdos, exerceu a função mediadora entre professora e alunos, sobre vivências comunitárias étnicas específicas e cultura não indígena.

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre as possibilidades do ensino em arte que ocorrem em tal ambiente, focando principalmente as relações estabelecidas entre folclore, conteúdo próximo e familiar à comunidade indígena, e arte contemporânea, distante e estranha a tais sujeitos. Muitos dos trabalhos desenvolvidos e das abordagens utilizadas tiveram sua primeira efetivação no ensino de arte no curso de Licenciatura em Artes Visuais/PARFOR/Unochapeco, experiência realizada no ano de 2012.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (Unochapeco, 2009), o curso de Licenciatura Intercultural Indígena foi implantado no ano de 2009, no formato de regime seriado especial, onde as atividades acontecem nas sextas-feiras (tarde e noite), aos sábados (manhã e tarde), férias e recessos escolares, com aulas presenciais na Terra Indígena Xapecó, município de Ipuacu/SC/Brasil e visitas esporádicas no campus da universidade. Inicialmente os estudantes possuem uma formação generalista e após 2 anos, podem escolher dentro das seguintes especialidades: Licenciatura em Matemática e Ciências da Natureza; Licenciatura em Pedagogia; Licenciatura em Ciências Sociais e Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura. Além de ser um projeto inovador e inédito, há uma inversão no formato tradicional de ensino superior, pois neste caso, é o professor que se desloca até o estudante, e passa a vivenciar uma nova realidade como parte de seu trabalho. Esse deslocamento gera a inserção em um novo ambiente cultural, impregnado de saberes, memórias e histórias.

Já o curso de Licenciatura em Artes Visuais/PARFOR/Unochapeco se apresenta como um programa emergencial do governo federal, 'Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica', em que visa a formação e aperfeiçoamento de professores que já atuam na rede escolar de ensino, tanto na esfera estadual como municipal e tem como objetivo preencher lacunas da

educação no ensino básico e fundamental, oferecendo ensino de graduação gratuito e de qualidade.

1. A arte como mediadora intercultural

O ensino da arte dentro de uma perspectiva abrangente e transversal pode proporcionar no educando experiências estéticas que extrapolam o mero fazer artístico. A arte passa a ser entendida nesse processo como meio gerador de uma nova consciência, e pode se tornar capaz de reelaborar e romper com valores e julgamentos pré-definidos. Portanto, é a arte que assume a responsabilidade de mediar as relações entre cultura, arte e sociedade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1999) o ensino da arte deve ter suas habilidades e competências desenvolvidas dentro de três eixos norteadores: representação e comunicação; investigação e compreensão e contextualização sociocultural. Em todos esses eixos devem ter presentes a experiência de fazer e fruir arte, aliados à reflexão de tais ações. Nessa mesma perspectiva, Ana Mae Barbosa (2009) elaborou a Proposta Triangular como uma abordagem dividida entre o fazer artístico, análise das obras e a história da arte. A autora defende o ensino da arte dentro de uma concepção libertadora, onde a arte em consonância com o conceito do multiculturalismo (Barbosa, 2009), promove maior reconhecimento da diversidade cultural presente no país.

Segundo o prefácio do livro *A Imagem no Ensino da Arte* (Barbosa, 2009) escrito por Imanol Aguirr Arriaga, Ana Mae Barbosa propõem o estudo da arte popular:

A partir da necessidade de integrar a cultura popular na educação como via de urgência, para possibilitar a recuperação da dignidade das comunidades desfavorecidas ou simplesmente oprimidas. (Arriaga, apud Barbosa, 2009).

As etnias indígenas no Brasil desde o período da colonização vêm sofrendo perdas significativas e constantes em sua cultura, seja por fatores econômicos ou sociais, suas manifestações tem se tornando em muitos casos, oprimidas e minoritárias. Essas etnias sofrem uma hibridização nos modos de se fazer arte, ou de revelar suas produções simbólicas. Por isso, o critério estabelecido para definir o que é arte neste trabalho levou em conta a multiculturalidade em sua gênese, onde:

Quando o ensino respeita o educando não pode haver segregação de culturas, os hábitos e diferenças culturais devem ser respeitados e considerados, as diferenças são importantes na constituição do sujeito, especialmente em uma cultura híbrida como a brasileira (Garcez, 2014: 79).

Dentro desta perspectiva, a metodologia aplicada no ensino da arte no curso de Licenciatura Intercultural Indígena pretendeu relacionar questões da cultura popular nacional e regional — como elo de pertencimento entre o grupo — com conceitos e práticas da arte contemporânea como propulsora de novos fazeres e olhares estéticos. Também foram levados em consideração os temas transversais previstos nos PCN's (1999): pluralidade cultural, realidade socio-cultural e meio ambiente. Nesse mesmo viés, Ana Mae Barbosa:

Não espera que o ensino das formas artísticas mais usuais entre as elites sirva de ponte para acender à posição social ou cultural destas, ou para converter os ignorantes em especialistas. Seu interesse reside em que se faça efetivo o direito de todos ao controle sobre o sistema de valores que fundamenta o governo de suas vidas, em possibilitar a tomada de consciência das normas e valores que os afetam. (Arriaga, apud Barbosa: 2009).

Assim, a arte passa a ser entendida como mediadora em várias abordagens, pode ser potência geradora de significados para o ensino e estabelecer eixos em diversos contextos e culturas. A interdisciplinaridade neste sentido alcança consciência em se fazer arte com valor simbólico e democrático, alinhando artes e culturas diversas no mesmo nível de importância e qualidade, entendendo que o fazer artístico assume a concretização aplicada de tais conceitos e abordagens.

Experiência semelhante já havia sido vivenciada no curso de Artes Visuais / PARFOR, onde a metodologia também foi diferenciada, pois a relação professor-aluno se dava no âmbito professor-professor, e a abordagem no ensino da arte buscou referências no dia-a-dia da escola, propondo através dos conceitos da arte contemporânea, novos fazeres e reflexões, dialogando também com os conceitos da cultura visual (Hernández, 2000).

Já na abordagem com os indígenas, a arte foi ponto norteador, contribuiu para uma ação integralizadora quebrando paradigmas culturais, neste caso, cultura indígena x cultura ocidental-capitalista, valorizando assim, a diversidade sociocultural do Brasil e da região Oeste Catarinense. Dentre os conteúdos ministrados o conceito sobre folclore brasileiro possibilitou um intercâmbio de lendas, costumes e tradições (Figura 1) já entre os conteúdos sobre a arte contemporânea, desenvolveram-se trabalhos plásticos de extrema delicadeza e significação potente (Figura 2).

A Figura 1 mostra a exibição das comidas típicas indígenas e caboclas realizadas pelos estudantes: canjica, pão de cinza e carne de porco refogada. A canjica é um alimento proveniente do milho e pode ser doce ou salgada, em toda a região é comum, não sendo uma comida exclusiva do povo indígena; já o pão

de cinza só é produzido na aldeia e carece de um modo de fazer específico, pois não possui fermento e é feito literalmente em meio à cinzas de uma fogueira. Além dessas comidas, foram degustados outras especialidades: batata doce assada na brasa e pé-de-moleque. O objetivo desta aula foi a troca de experiências entre a cultura indígena, popular e tradicional, promovendo a interação entre os alunos e a difusão de seus fazeres culturais dentro de uma perspectiva de valorização da memória imaterial local.

Outra prática realizada foi a confecção de um livro-objeto que representasse a cultura indígena. Na Figura 2, a imagem mostra um dos estudantes apresentando seu livro que assumiu o formato de uma taquara (árvore típica da região utilizada na produção de flautas e sopros) e que em seu interior guardava histórias e memórias do povo Kaingang. O livro-objeto foi abordado dentro dos conceitos de arte contemporânea, onde ele passa a ser visto como objeto artístico que foge das tradicionais técnicas artísticas (pintura, gravura, escultura e desenho).

O objetivo desta prática foi proporcionar uma quebra de paradigma em relação aos conceitos tradicionais da arte e do livro, como também, provocar um novo olhar para a produção de arte com a temática indígena, assim, realizar uma prática híbrida entre culturas e seus significados.

Fruto da mesma prática descrita anteriormente, a Figura 3 mostra um livro-objeto que se apresenta com um livro tradicional, porém não possui folhas e apresenta elementos tridimensionais. As esculturas presentes no livro representam o animal tatu e um pássaro; a ilustração faz referência a lenda Kamé e Kairu sobre o surgimento do povo Kaingang. Na lenda os irmãos Kamé e Kairu criam os seres da natureza e as regras de conduta entre homens e mulheres, definindo assim a maneira como as metades deveriam se relacionar. Na lenda, ao chegar a um campo grande, os irmãos reuniram-se aos Kaingang e deliberaram casar homens e mulheres. Casaram-se primeiro os Kairucrés com as filhas dos Kamés, estes com as daqueles, e como ainda sobravam homens, casaram-se com as filhas dos Kaingang (Borba 1908: 22). Os Kamé trabalhavam durante o dia para fazer os animais que pertencem ao dia, já os Kairu, trabalhavam à noite, o sol pertence a metade Kamé, a lua à metade Kairu. Dessa forma,

O dualismo exposto no mito de origem kaingang, [...] apresenta duas propriedades classificatórias fundamentais. Em primeiro lugar, o dualismo Kamé e Kairu oferece um sistema de classificação abrangente, totalizante — os seres da natureza, incluindo os homens, possuem a marca das metades e carregam valores a elas associados, tais como: forte/fraco, alto/baixo, ímpeto/persistência. Em segundo lugar, o dualismo kaingang, em seu registro mitológico, oferece uma fórmula de organização social através do estabelecimento de regras de descendência e de casamento (Tommasino, 2001).



Figura 1 · Comidas típicas da aldeia: canjica, pão de cinza e carne de porco. Educação Artística IV. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/Unochapecó. Fonte: própria.

Figura 2 · Apresentação do livro-objeto confeccionado no componente curricular: Educação Artística IV. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/Unochapecó. Fonte: própria.

Figura 3 · Apresentação do livro-objeto confeccionado no componente curricular: Educação Artística IV. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/Unochapecó. Fonte: própria.

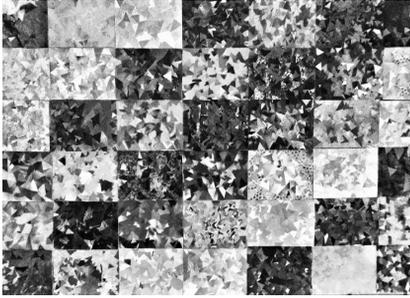


Figura 4 - Painel de cores: Educação Artística VI. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/Unochapecó. Fonte: própria.



Figura 5 - Confeção de painel de cores: Educação Artística VI. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/Unochapecó. Fonte: própria.

Ao realizar este trabalho, o estudante consegue expandir a maneira de representar sua cultura, vai além das típicas Artes Indígenas e ao mesmo tempo, representa a dualidade de sua crença, onde duas forças assimétricas complementam a visão da cosmologia indígena. Assim:

Pensar em “Artes Indígenas” representa considerar não apenas a diversidade de linguagens artísticas desses povos — que vão desde as visuais mais conhecidas como a plumária, cestaria, cerâmica, pintura corporal até a dança, a música, as performances rituais, entre outras — mas atentar para o fato de que há uma grande diversidade na forma como estes elementos são tratados pelas diferentes etnias. (Barbero, Stori, 2010: 305)

Outra atividade foi a criação plástica de um painel coletivo de cores que pudessem efetivar os conteúdos relativos ao estudo das cores e suas inter-relações com o espaço (Figura 4 e Figura 5). É importante ressaltar a coletividade na realização do painel, as cores foram recortadas de revistas e cada aluno ficou responsável por 6 pranchas no tamanho A4, o painel foi colocado nas instalações da escola da aldeia. Neste caso também podemos verificar o conteúdo aliado à prática, e uma nova significação para elementos tradicionais dentro de um contexto intercultural.

Conclusão

A experiência de se ensinar arte num contexto intercultural levou a criação de novos olhares e outras possibilidades quanto a metodologia do ensino, e a busca pelo respeito e igualdade entre as culturas provocou uma imersão entre contextos

e memórias. Dentro dessa abordagem, a troca de experiências entre professor e estudantes enriqueceu a comunhão de vivências culturais distintas. A hibridização de fazeres plásticos e estéticos provocaram um aprendizado além da ementa curricular, transbordaram os limites da experiência em se fazer arte respeitando a cultura indígena local e contribuindo para efetivação de sua expressividade.

Podemos afirmar que arte em uma sala de aula indígena se apresenta de maneira particular, livre de pré-conceitos e repleta de novas formas plásticas, onde a história e a memória local acabam norteando a experiência estética.

Referências

- Arriaga, Imanol. A. & Barbosa, Ana Mae (2009) ou como navegar entre a fidelidade a um ideário e a "incessante busca de mudança". In: BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbero, Estela P. B. & Stori, Norberto. (2010) "Artes Indígenas" — *Territórios de Diálogos*. In: 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas "Entre Territórios" — 20 a 25/09/2010 — Cachoeira — Bahia — Brasil. Disponível em: <URL: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/estela_pereira_batista_barbero.pdf.>
- Barbosa, Ana Mae (2009) *A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Barba, Telemaco (1908) *Actualidade Indígena* (Paraná, Brazil). Curitiba: Imprensa Paranaense.
- Brasil, Ministério Da Educação. (1999) *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasil:. Disponível em: <URL: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>
- Garcez, Luciane. R. N. *Sobre uma Educação Interdisciplinar e Multicultural: partindo de um instrumento de mediação na arte-educação*. Revista Palíndromo 1. Disponível em <URL: http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/1ensino_de_arte/5_palindromo_garcez.pdf>
- Hernández, Fernando (2000) *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. São Paulo: Artes Médicas
- PARFOR. Disponível em: <URL: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>>
- Tommasino, Klmlye. *Cosmologia e Mitologia*. Disponível em: <URL: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/289>.>
- Unochapeco. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena*. Disponível em: <URL: <https://www.unochapeco.edu.br/indigena/o-curso/sintese-ppc#menu-sobre-curso>>